A self-portrait by Edvard Munch, showing a man with a mustache and dark hair, wearing a dark suit and a white shirt with a dark tie. He is holding a lit cigarette in his right hand, and a plume of smoke rises from it. The background is dark and textured, with a prominent vertical brushstroke of light blue and white on the right side. The overall mood is somber and contemplative.

**Descida aos subterrâneos:  
"Memórias do subsolo",  
de F. Dostoievski,  
à luz de "O mal-estar na  
civilização", de S. Freud**

*Thalliane Weber Pereira*

*Graduanda em Letras – Português/Inglês nas Faculdades Integradas Teresa D'Ávila*

*Élcio Luís Roefero*

*Doutorando em Letras (Teoria Literária e Literatura Comparada) na Universidade de São Paulo. Mestre em Literatura e Crítica Literária pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor Titular e Orientador de Pesquisas nas Faculdades Integradas Teresa D'Ávila.*

"O sofrimento sempre acompanha uma inteligência elevada e um coração profundo. Os homens verdadeiramente grandes experimentam uma grande tristeza acometida de uma melancolia súbita".

**Fiódor Dostoievski**

**Memórias do Subsolo**, no original **Zapíski Iz Póplia**, é uma novela do escritor russo Fiódor Mikhail Dostoiévski, publicada em 1864, em que, segundo Pinto (2000):

[...] um anônimo narrador destila amargura e escárnio contra as almas idealistas de seu tempo, que confiam ingenuamente na subordinação do homem às leis da natureza como forma de atingir um estado de harmonia social e espiritual. Para o homem subterrâneo, esses "palácios de cristal", "essas sutilezas do *belo e sublime*" são quimeras do homem de ação, que reduz os anseios da alma ao bem-estar material, segundo o credo positivista. Por isso, ele preferirá sua existência de zombaria e torpeza, de tédio e inação, à "consciência hipertrofiada" de quem conhece a essência irreduzível do ser humano (PINTO, 2000).

O "homem do subsolo", como o chamou Bakhtin, se porta com desprezo ao moralismo e ao pensamento racionalista e positivista de seu tempo, utilizando como um dos recursos o cinismo de um verdadeiro Dândi. Trata-se de um ser excêntrico, misantropo que fala sobre o "cavalheiro pouco nobre" e a "sensatez", revelando um mal-estar na civilização e refugiando-se no seu subsolo, que segundo Pinto (2000) é visto como "lugar retórico dos labirintos interiores" (PINTO, 2000).

A novela é dividida em duas partes, a primeira intitulada **O subsolo** e a segunda **A propósito da neve molhada**. Na primeira parte o narrador fala de seu estado atual no subsolo, de seu comportamento grosseiro e hostil, suas opiniões ignominiosas, de seus anos na repartição pública, de assuntos irrelevantes e questões irresolúveis, numa sutil crítica ao sistema da civilização. No segundo, ele relembra momentos com os colegas da escola, rememora momentos com uma prostituta chamada Liza, com a qual se comporta de maneira sórdida, sempre com a mesma sutileza crítica.

Várias linhas de análises de suas obras foram feitas por importantes expoentes da psicanálise, da filosofia ou mesmo da linguística. Sigmund Freud, Friedrich Nietzsche e Bakhtin são alguns deles. Neste trabalho, optou-se por seguir a linha baseada no ensaio **O mal-estar na civilização** do psicanalista Sigmund Freud, uma vez que podemos observar aparente interesse de sua parte por Dostoiévski, como assinala seu outro ensaio **Dostoiévski e o Parricídio**.

Nosso objetivo é revelar o mal-estar na civilização, no narrador do subsolo por meio da evocação e alusão, a começar pelo trecho em que ele declara: "O que suaviza,

pois, em nós a civilização? A civilização elabora no homem apenas a multiplicidade de sensações e... absolutamente nada mais" (DOSTOIÉVSKI, 2000, p. 36).

Ele segue declarando que o homem prefere agir conforme seu próprio prazer - vontade - e nunca segundo a razão, fazendo assim uma alusão crítica à visão grega do mundo - de que há uma força que nos move, a qual, para os gregos, eram os deuses, mas que para nós hoje é o inconsciente, representado por ele como "as leis da natureza" - que destituía qualquer existência de *vontade* no homem.

Seu discurso segue paradoxalmente falando sobre o levantamento do cadastro das vantagens humanas postas numa tabela a ser devidamente seguida, posteriormente questionada: "Ora, que prazer se pode ter em desejar segundo uma tabela?" (DOSTOIÉVSKI, 2000, p. 40).

Aqui entramos com a teoria do "pai da psicanálise" de que o propósito da vida é o princípio do prazer, que só pode ser alcançado pela satisfação do instinto, gerando em nós, assim, a felicidade. Logo, havendo uma não-satisfação deste instinto, isso provocará em nós um sentimento de desprazer, sofrimento e desconforto que podem advir de três direções distintas: do corpo, do mundo externo ou dos relacionamentos com outras pessoas. Este sofrimento resulta no mal-estar que impulsionará o sujeito a desejar o afastamento e a fuga. A civilização impõe regras e padrões a serem seguidos que privam o homem da satisfação de seus instintos, gerando este sentimento de repulsa.

É importante ressaltar que:

Freud afirma que é possível explicar essa rejeição da cultura, mas se recusa a justificá-la, porque ela se fundamenta no esquecimento do caráter protetor desta última. [...] o homem não pode viver plenamente feliz nela, mas não consegue sobreviver sem ela (ROUDINESCO e PLON, 2000, p.491).

O que faremos neste trabalho é observar este sentimento no narrador dostoiévskiano, uma vez que este se afasta e foge para o subsolo, trabalhando a questão da reclusão, do narcisismo e da enfermidade neurótica.

## DOSTOIÉVSKI E A CENA LITERÁRIA

Segundo estudos de Nunes (1995), Fiódor Mikhailovitch Dostoiévski nasceu em 11 de novembro de 1821, em Moscou e faleceu em 9 de fevereiro de 1881, em São Petersburgo, após sofrer uma hemorragia pulmonar. Foi criado num ambiente rígido por um pai autoritário e perdeu a mãe aos dezesseis anos. Viveu na época em que a Rússia saía do czarismo absolutista para a revolução socialista. Ia totalmente contra o pensamento racionalista da época. Era um homem misantropo e taciturno que vivia num "isolamento triste e ressentido" (NUNES, 1995, p. 28). Notam-se traços autobiográficos em suas obras, como veremos em **Memórias do Subsolo**.

[...] afastavam-no dos discípulos um amor-próprio excessivo, uma desconfiança e timidez doentias. Ardia em desejos de se dedicar ao primeiro que lhe aparecesse, mas retraía-se, fechava-se dentro de si mesmo. Tinha medo de viver. Que havia de comum entre esses garotos alegres e Fiódor Dostoiévski, a quem uma melancolia, cuidadosamente conservada, sombreava a existência? Que havia de comum entre as suas aspirações românticas, os seus vagos ideais de glória, as suas admirações literárias e os jogos frustrados dos companheiros? Revoltavam-no os gracejos vulgares que lhe ouvia [...] (TROYAT apud NUNES, 1995, p.29).

Ainda na esteira de Nunes (1995), as primeiras leituras de Dostoiévski foram os românticos como Púchkin e Gógol, Walter Scott, Dickens, George Sand, Vítor Hugo, Hoffman, e mais tarde, na escola militar, vieram Balzac, Goethe, Schiller, Racine e Corneille. “Característica romântica é a instabilidade psíquica de suas personagens” (NUNES, 1995, p. 67).

A respeito de sua postura social, pode-se dizer que:

Teve uma consciência genial da problemática humana da época, das atitudes e diretrizes que se entrecrocavam e hostilizavam, mas, por outro lado, estava tão profundamente mergulhado e oprimido dentro da sua contemporaneidade que, apesar de muitas das suas previsões e antecipações, não lhe era possível projetar-se integralmente fora dela e compreender que, em última análise, se antevia a crise, era ele próprio um homem em crise dentro dessa época crítica e hiper-crítica. Foi a sua relativa inconsciência [...] da sua própria situação crítica, que permitiu que ele nos desse tão dramaticamente [...] o drama de consciência dos seus contemporâneos (NUNES, 1995, p. 71).

Grande parte de sua obra foi escrita sob a forma de memórias. Sua produção é dividida em dois grandes períodos: o primeiro desde a publicação de **Pobre Gente** até as **Memórias da Casa dos Mortos**, e o segundo, desde as **Memórias do Subterrâneo** até **Os Irmãos Karamássovi**. “É só na segunda fase que os seus protagonistas se tornam autênticos possessores, ou das suas paixões, ou dos seus grandes problemas” (NUNES, 1995, p. 55).

De uma maneira geral os seus romances são prolixos e tortuosos, as peripécias cavalgam confusamente umas sobre as outras, há uma desordem aparente que, nas primeiras impressões, pode chocar o leitor. O seu estilo é pesado, cheio de longos períodos, desprovido de graça. Não nos esqueçamos, entretanto, das condições em que o escritor trabalhava; podemos dizer que Dostoiévski escrevia romances a prazo, para ganhar o pão de cada dia [...] (NUNES, 1995, p. 56).

Porém, em meio a toda dificuldade de sua vida - primeira esposa doente, morte do irmão, sustento da cunhada e dos sobrinhos, falta de dinheiro por se envolver com jogos e mulheres, prazo para escrever seus romances, entre outros - Dostoiévski possuía uma habilidade singular de construir suas personagens, tão pro-

fundas e complexas, em um nível que permite alcançar a profundidade de sua essência.

[...] As paradas, as repetições, as tomadas de fôlego, o gaguejar são indispensáveis, porque debaixo dessa palavra falhada adivinhamos uma vibração abafada; numa conversa, toda a comoção secreta da alma vem à superfície, e nós sabemos não somente o que cada personagem diz e quer dizer, mas o que dissimula (TROYAT apud NUNES, 1995, p. 58).

Constatamos que a maioria de suas personagens são criaturas socialmente decaídas que desejam apenas medir suas próprias forças, provar a si próprios quão livres são e conhecer o mais profundo de sua alma, tanto de bem como de mal. Sendo assim, seus homens tornam-se oprimidos por suas próprias incertezas, ou seja, “em Dostoiévski, a alma é um puro caos” (ZWEIG apud NUNES, 1995, p. 61).

É possível afirmar que são as características de suas personagens advindas da personalidade do próprio criador, como veremos nos estudos de Bakhtin e Freud. Para isso contamos com mais um registro desta sua personalidade que é encontrado numa carta, a qual Nunes (1995) publicou em seus estudos: a missiva de Strákhov, amigo e primeiro biógrafo de Dostoiévski, a Liev Tolstoi, reconsiderando algumas observações favoráveis ao autor de **Crime e Castigo**, em sua primeira biografia. Nela, ele afirmava não ver em Dostoiévski nem um homem bom, nem um homem feliz, pelo contrário, um mau caráter, invejoso, petulante, que se achava o melhor e mais feliz dos homens, e que não sabia controlar sua cólera; portava-se como superior e tinha prazer nisso. “Na verdade era um homem infeliz e mau, que se comprazia em fingir-se feliz e só a si mesmo se amava com ternura” (STRÁKHOV apud NUNES, 1995, pp. 52-3).

Nota-se que o estimado autor russo provocou grande polêmica em sua época, principalmente por sua postura e personalidade que, tudo indica, foram materializadas em suas personagens. Com efeito, o que ele escrevia era o que de fato ele era e pensava, acreditam alguns biógrafos. E, certamente, não era fácil de decifrar devido ao seu comportamento repleto de antagonismos. Ele sempre propunha questões para as quais nunca tomava uma decisão definitiva.

Féodor Mikhaylovitch atraía ou irritava, segundo a gente o conhecesse mais ou menos pela mais paradoxal mistura de elegância afetada e timidez selvagem, de dandismo e misantropia, de jactância e embaraço, de futilidade e profundeza (LEVINSON apud SILVEIRA, 1970, pp. 24-5).

Ler Dostoiévski faz-nos lembrar da estética decadentista do século XIX, no qual ele estava inserido, onde, segundo Gomes (1994):

Refletindo o pessimismo do período, surge nessa época um tipo de homem que volta às costas à sociedade materialista e que procura cultivar dentro de si as sen-

sações mais refinadas. Esse homem, conhecido como decadente, fecha-se em sua torre de marfim e só na orgulhosa solidão é que parece encontrar conforto para o sofrimento proveniente do desconforto com o mundo grosseiro e hostil. O simbolista Verlaine, num poema como "Langor", expõe um sentimento de decadência, um sentimento de prazer mórbido, doentio, como se desejasse que os valores da civilização ocidental caíssem por terra [...] (GOMES, 1994, p. 11).

São esses ecos do decadentismo que encontraremos no homem que se refugia em seu subsolo. Sua visão é limitada de tensão e conflito sob uma atitude subjetiva e egocêntrica. O francês Charles Baudelaire dialoga com esse movimento, e faz menção a esta atitude em seu livro **Meu coração desnudado**, ao revelar que "Da vaporização e da centralização do Eu. Nisto se resume tudo" (BAUDELAIRE, 1981, p. 51), e falar sobre a eterna superioridade do Dândi, o qual "deve aspirar a ser sublime, sem interrupção" (BAUDELAIRE, 1981, p. 56).

O narrador do subsolo ainda agrega consigo a herança romântica que temos bem definida segundo Hauser (1998):

[...] o romântico, por outro lado, desconhecia vínculos externos, era incapaz de comprometer-se e sentia-se exposto, indefeso, a uma realidade esmagadoramente poderosa; daí o seu desdém pela realidade e seu simultâneo endeusamento da mesma (HAUSER, 1998, p. 673).

Entendemos que quanto mais romântico o ser, mais infeliz ele é, e que este está inserido na teia do tormento do mundo. Nosso narrador, ao considerar-se um "camundongo de consciência hipertrofiada", declara-se vergonhosamente zombado por essa sociedade: "Ali, no seu ignóbil e fétido subsolo, o nosso camundongo, ofendido, machucado, coberto de zombarias, imerge logo num rancor frígido, envenenado e, sobretudo, sempiterno" (DOSTOIÉVSKI, 2000, p. 23).

Hauser (1998) ainda nos revela que o romântico busca evasão para a utopia, o sobrenatural, a loucura, para descentralizar seu sofrimento e frustração para com a civilização, ansiando a liberdade, ora por meio da cólera, ora com graciosidade e espírito, como faz nosso narrador subterrâneo em seus gracejos:

Fui um funcionário maldoso, grosseiro, e encontrava prazer nisso. Não aceitava gratificações; no entanto, devia premiar-me ao menos desse modo. (É um mau gracejo; mas não vou riscá-lo. Escrevi-o pensando que sairia muito espirituoso; mas agora, percebendo que apenas pretendi assumir uma atitude arrogante e ignóbil, não o riscarei de propósito!) (DOSTOIÉVSKI, 2000, p. 15).

Assim como o romântico, há uma idealização de uma sociedade que não lhe imponha valores relativos e limitados. O sentimentalismo e a melancolia estão relacionados ao estado da sociedade, bem como o pessimismo e o cansaço vital – de onde surge o refugiar-se no subsolo, que tem para nós tanto o valor do lugar em si, sendo uma espécie de "esconderijo" da sociedade, como

o valor da consciência, onde se encontra o prazer na própria inteligência perspicaz e consciência hipertrofiada, e quanto maior esta consciência da própria condição, mais se afunda no próprio lodo.

O próprio narrador faz referência ao seu comportamento por vezes romântico e opõe o romântico europeu (alemão e francês) ao romântico russo, declarando que:

As características do nosso romântico são: *tudo compreender, tudo ver e vê-lo muitas vezes, de modo incomparavelmente mais nítido do que o fazem todas as nossas inteligências mais positivas*; não se conformar com nada e com ninguém, mas ao mesmo tempo, não desdenhar nada; tudo contornar, ceder a tudo, agir com todos diplomaticamente; nunca perder de vista o objetivo útil, prático [...], e olhar este objetivo através de todos os entusiasmos e volumezinhos de versinhos líricos e, ao mesmo tempo, conservar dentro de si, indestrutível, como num sepulcro, o "belo e sublime", e também conservar a si mesmo, integralmente, em algodão, como um pequeno objeto de ourivesaria, ainda que seja, por exemplo, um proveito daquele mesmo "belo e sublime" (DOSTOIÉVSKI, 2000, p. 59).

Todavia, qual teria sido o legado de Dostoiévski para a modernidade em meio a tanta herança romântica presente em sua obra? Pois vejamos:

Na verdade, não existe produto da arte moderna, nenhum impulso emocional, nenhuma impressão ou estado de espírito do homem moderno, que não deva sua sutileza e variedade à sensibilidade que se desenvolveu a partir do romantismo. Toda exuberância, anarquia e violência da arte moderna, seu lirismo balbuciente, seu exibicionismo irrestrito e profuso, derivam dele (HAUSER, 1998, p. 664).

Dostoiévski deixou para nós uma série de personagens paradoxais, embebidos na herança romântica, com "ecos" do decadentismo, num misto de dandismo e diletantismo, que levam o leitor a questionar os valores morais, os padrões sociais e a condição do homem na sociedade, sem deixar uma resposta definitiva para tais vícios ou pseudovirtudes, apenas incomodando-lhe a consciência. E, a partir desse estado complexo de sujeito e linguagem, o mestre russo fomentou, segundo Bakhtin, a criação do conceito de polifonia, o qual veremos no capítulo seguinte.

## FORTUNA CRÍTICA

Dostoiévski foi tão genial na construção de seu gênero narrativo que provocou polêmica na época, revivida até os dias de hoje. Ele abalou totalmente os sistemas convencionais de seu tempo e levou grandes nomes a estudarem sua linha de pensamento. Freud foi um dos grandes estudiosos de Dostoiévski tendo em vista a complexidade de seu caráter e de suas personagens. Isto é comprovado ao lermos seu trabalho **Dostoiévski**

e o **Parricídio**, o qual é dividido em duas partes, sendo a primeira sobre a complexidade do caráter de Dostoiévski e a segunda sobre sua paixão pelo jogo, baseando-se no livro **Os irmãos Karamassovi**. Ali, ele trata do autor russo em quatro perspectivas: artista, neurótico, moralista e pecador, colocando no centro a questão do crime, como egoísmo e impulso destrutivo, do masoquismo e da culpa, mencionando suas curiosas crises de epilepsia, o complexo de Édipo em sua relação com o pai, uma vez que fosse detectado nele o sentimento de culpa provindo da intenção de matar o pai – o parricídio. Baseado neste ensaio é que afirmamos as características do próprio autor presentes em suas personagens.

Em se tratando de **Memórias do Subsolo**, Schnaiderman (2000) afirma que: O próprio Nietzsche, ao lê-lo pela primeira vez, escreveu a um amigo: “A voz do sangue (como denominá-lo de outro modo?) fez-se ouvir de imediato e minha alegria não teve limites” (SCHNAIDERMAN apud DOSTOIÉVSKI, 2000).

De acordo com Mantovani (2008), o filósofo alemão concretiza sua ideia do além-homem, proposta em **Assim falou Zaratustra**, nas **Memórias do Subsolo**. Ambos trataram da decadência do homem contemporâneo, do seu ressentimento e culpa diante da própria condição, juntamente à ignomínia da própria civilização, desprezando a sensatez, que por si só aprisiona o ser.

Walter Kaufman, um renomado filósofo alemão, em seu livro **Existencialism from Dostoevski to Sartre**, faz uma associação do escritor russo ao filósofo francês no que diz respeito ao existencialismo. A relação que ele faz de Dostoiévski com o existencialismo se dá na mesma proporção que Bakhtin faz dele com a polifonia. Ambos o consideram o primeiro a expressar essas duas categorias.

Com sua postura anti-subserviente, Dostoiévski introduziu uma série de personagens que retratavam a si mesmo, como vimos no ensaio de Freud explicitado acima, e suas próprias ideias, como estuda Bakhtin em seu livro **Problemas da Poética de Dostoiévski**:

Para Bakhtin, os verdadeiros heróis de um romance polifônico são a consciência e as ideias; por conseguinte, os acontecimentos que fazem disparar a fala necessária podem ser do tipo mais banal e melodramático (EMERSON, 2003, p. 179).

Segundo estudos de Emerson (2003) sobre as contribuições de Dostoiévski para a literatura, examinadas por Bakhtin, Dostoiévski possibilitou a polifonia, seguindo um modelo “mais baseado em parábolas e paradoxos irresolúveis do que em certezas transmitidas como leis”, em que “autor e herói fazem um genuíno aprendizado no processo e se definem mutuamente” (EMERSON, 2003, p. 161).

Ou seja:

(...) Dostoiévski projeta como heróis de seus romances [...] um herói-ideia, uma ideia que utiliza o herói como veículo para a realização de seu potencial no mundo. O objetivo passa a ser, então, libertar o herói da “trama”, em ambos os sentidos da palavra, o sinistro e o trivial:

libertá-los de todos aqueles fios narrativos epopeicos que ainda aparecem atados ao romance, com seus resultados rotineiros, portanto “aprisionados”, e dos acontecimentos derivados das necessidades da vida cotidiana, monótona e entorpecedora (EMERSON, 2003, p. 162).

Dostoiévski valoriza a discussão aberta sobre questões irresolúveis, criando um ambiente de liberdade, baseado num diálogo de ideias, uma vez que estas sejam mais ricas do que experiências, tornando a narrativa extasiante e lenta.

Dentro de cada discurso, disse Bakhtin, há uma luta por significado, frente à qual o autor pode adotar distintas atitudes. Pode optar por abafar ou dar um desfecho ao diálogo, desencorajando qualquer resposta externa, e assim empregando o discurso monologicamente. Mas também pode ênfaticamente chamar a bivolalidade do discurso: exagerando um dos lados (como na estilização); opondo entre si duas ou mais vozes enquanto favorece uma delas (como na paródia); ou aplicando uma categoria especial, bastante sutil, que Bakhtin chama de “discurso bivolcálico ativo”, que implica a condução do debate no interior de um discurso de modo que o lado parodiado não aceite ofensa sem protestar, mas, ao contrário, lute, resista e tente subverter a situação. Dostoiévski tinha excepcional habilidade no trato desse tipo astucioso de discurso (EMERSON, 2003, pp. 162-3, grifo nosso).

Bakhtin (1997) ainda nos mostrará que o herói do subsolo tem consciência de todas as definições possíveis a seu respeito, e esta consciência faz com que essas definições não lhe definam a imagem. Ele afirma que há uma conversação interior constante, onde o tom negativo toma a frente para contrariar o outro. Ele faz uso de antecipações (réplica) para obter a última palavra, desejando mostrar sua indiferença ao pensamento e estimacão do outro. Porém, só é capaz de mostrar sua dependência da outra consciência e inquietação com sua própria autoafirmação. Temos, então, nós, temos como consequência a deselegância no seu estilo, num misto de dandismo e misantropia, cuja finalidade é destruir sua imagem no outro. Para esse herói, a lucidez intelectual está no cinismo e na insânia. Por fim, a presença da evasiva se dá para que haja possibilidade de mudança no seu discurso tornando-o inacabável, podendo ser somente interrompido, como acontece na novela: ele não termina o discurso, apenas o interrompe. Para tanto, Muylaert (2008) afirma em seu trabalho, cujo tema aborda a escrita dostoiévskiana sob a perspectiva de Bakhtin, algo a que nos referimos no capítulo anterior:

Ocorre que nas **Memórias do subsolo** não se confirma o excedente de visão, responsável pelo “acabamento da obra”. Autor e herói não se encontram em perspectivas diferentes, não há o distanciamento necessário que permitisse ao autor ver e saber mais que o seu herói, pois o autor e o herói são um só personagem (MUYLAERT, 2008, p. 42, grifo nosso).

Não podemos deixar de mencionar também que, segundo estudos de Santana (2006), na novela do subsolo, Dostoiévski faz uma paródia com os episódios do livro de Tchernichévski, **Que fazer?** (1863), o qual apresenta a ideia do Palácio de Cristal – “uma espécie de sociedade perfeita onde não há qualquer espaço para a parcialidade humana” (SANTANA, 2006, p. 25), no que se refere à questão do livre-arbítrio versus o ato humano determinado pelas “leis da natureza”. Em se tratando de **Memórias do subsolo**, ele também afirma que: “[...] o homem do subsolo irá dizer, aproveitando-se de termos usados pela ciência, que todo seu mal-estar é consequência da sua “consciência hipertrofiada” [...]” (SANTANA, 2006, p. 15, grifo nosso). Ou seja, seu resultante estado inercial. Este mal-estar Freud nos colocará como sendo proveniente do sentimento de culpa provocado pela rigidez do superego representado pela sociedade.

Em seu livro **Ficção e confissão**, Antônio Cândido (1992) nos remete à semelhança existente entre a personagem de Dostoiévski e a de Graciliano Ramos, Luís da Silva, no romance **Angústia**, declarando que:

Este conceito terrível é anunciado pelo narrador das **Memórias Escritas num Subterrâneo**, de Dostoiévski, cuja invocação ajuda a conhecer o protagonista de **Angústia**. Ambos são homens acuados, tímidos, vaidosos, hipercríticos, fascinados pela vida e incapazes de vivê-la, desenvolvendo um modo de ser de animal perseguido. Como tudo lhes parece voltado contra eles (e tudo neles parece insatisfatório, mesquinho), sentem um desejo profundo de aniquilamento, abjeção, catástrofe; uma espécie de surda aspiração à animalidade, à inconsciência dos brutos, que liberta do mal de pensar e, ao mesmo tempo, levaria ao limite possível e o sentimento de auto-abjeção (CÂNDIDO, 1992, p. 82).

Este “conceito terrível” do qual Cândido (1992) fala trata da falta de estima que o narrador declara ter por si mesmo devido ao conhecimento de sua própria natureza.

Baseado no que já foi dito no primeiro capítulo, a respeito de sua personalidade ser transportada aos seus

personagens, e no que vimos neste capítulo, a respeito da ideia que utiliza o herói como veículo para a realização de seu potencial, trabalharemos adiante o discurso do narrador de **Memórias do Subsolo**, e algumas questões possivelmente adjuntas a sua personalidade, como o narcisismo, a reclusão e a neurose obsessiva, observadas através do ensaio **O mal-estar na civilização**. Para isso, vale lembrar que:

O Subterrâneo, onde a consciência é tudo e onde as palavras nunca se encaixam com os fatos, é um paraíso da desconstrução pelos critérios pós-modernistas. Dostoiévski, como sabemos, considerava o lugar totalmente sem Deus; ele tencionava que seu palavrório fosse interpretado não apenas como mal orientado e fútil, mas também como demoníaco, desnudando a sua dinâmica com uma sátira fria como gelo (EMERSON, 2003, p. 166).

Com efeito, se for possível afirmar, na esteira de Freud, que este narrador sofre de alguma doença, e que esta advém do fator “civilização”, faremos jus à afirmativa de Baudelaire (1981):

Estudo da séria doença de horror ao domicílio. Causas da doença. Crescimento progressivo da doença. Indignação provocada pela fatuidade universal de todas as classes, de todos os seres, nos dois sexos, em todas as idades (BAUDELAIRE, 1981, p. 87).

## O HOMEM DO SUBSOLO E SEU MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO

“[...] mas como geme um homem atingido pelo desenvolvimento geral e pela civilização europeia, um homem que ‘renunciou ao solo e aos princípios populares’ [...]” (DOSTOIÉVSKI, 2000, p. 27).

“[...] Originalmente o ego inclui tudo; posteriormente, separa, de si mesmo, um mundo externo” (FREUD, 1930, p. 23).

Blue Poles: Number 11, 1952; Enamel and aluminum paint with glass on canvas 6 ft 10 7/8 in x 15 ft 11 5/8 in (210 x 486.8 cm) - National Gallery of Australia, Canberra



Freud (1930) afirma que um dos incentivos para:

o desengajamento do ego com relação à massa geral de sensações – isto é, para o reconhecimento de um ‘exterior’, de um mundo externo – é proporcionado pelas frequentes, múltiplas e inevitáveis sensações de sofrimento e desprazer, cujo afastamento e cuja fuga são impostos pelo princípio do prazer, no exercício de seu irrestrito domínio. Surge, então, uma tendência a isolar do ego tudo que pode tornar-se fonte de tal desprazer, a lançá-lo para fora e a criar um puro ego em busca de prazer, que sofre o confronto de um ‘exterior’ estranho e ameaçador (FREUD, 1930, p. 23, grifo nosso).

O narrador dostoiévskiano, ao refugiar-se em seu subsolo, nos leva a inferir uma tendência inclinada ao desprazer, na medida em que ocorre esse isolamento assinalado por Freud. O subsolo poderá ser seu lugar de recolhimento tanto físico, estrutural, quanto interno, psíquico, ou mental – isto é, em sua própria consciência.

Freud (1930) continua o ensaio apontando que:

[...] O que decide o propósito da vida é simplesmente o programa do princípio do prazer. Não há possibilidade alguma de ele ser executado; todas as normas do universo são-lhe contrárias. O que chamamos de felicidade no sentido mais restrito provém da satisfação (de preferência, repentina) de necessidades represadas em alto grau, sendo, por sua natureza, possível apenas como uma manifestação episódica. Assim, nossas possibilidades de felicidade sempre são restringidas por nossa própria constituição. O sofrimento nos ameaça a partir de três direções: de nosso próprio corpo, condenado à decadência e à dissolução, e que nem mesmo pode dispensar o sofrimento e a ansiedade como sinais de advertência; do mundo externo, que pode voltar-se contra nós com forças de destruição esmagadoras e impiedosas; e, finalmente, de nossos relacionamentos com os outros homens (FREUD, 1930, pp. 32-3, grifo nosso).

Para que o homem seja feliz, obtendo prazer e concluindo o propósito de sua existência, é necessário que se satisfaçam seus instintos naturais, que a própria sociedade restringe de acordo com seus padrões, o que, provavelmente, possa ter acontecido com o narrador subterrâneo - a civilização a qual ele pertencia impunha padrões que lhe reprimiam a essência e, por tal motivo, supomos que tenha recorrido ao seu “ignóbil e fétido subsolo” (DOSTOIÉVSKI, 2000, p. 23).

Das três direções que podem vir o sofrimento (declarado pelo próprio narrador), inferimos que haja nele aquela que advém do próprio corpo, representada em sua doença do fígado: “Sou um homem doente... Um homem mau. Um homem desagradável. Creio que sofro do fígado. Aliás, não entendo níquel da minha doença e não sei, ao certo, do que estou sofrendo” (DOSTOIÉVSKI, 2000, p. 15, grifo nosso); a do mundo externo, representada pela sociedade em que vive: “[...] um homem instruído do nosso infeliz século dezanove e que tenha, além disso, a infelicidade de habitar em São Petersbur-

go, a cidade mais abstrata e meditativa de todo o globo terrestre” (DOSTOIÉVSKI, 2000, p. 18, grifo nosso); e a do relacionamento com os outros homens, representada pelo relato das experiências vivenciadas com seus colegas do tempo da escola, com os da repartição e com a prostituta Liza: “Torturava-me então mais uma circunstância: o fato de que ninguém se parecesse comigo e eu não fosse parecido com ninguém” (DOSTOIÉVSKI, 2000, p. 58, grifo nosso).

Com efeito, “assim como a satisfação do instinto equivale para nós à felicidade, assim também um grave sofrimento surge em nós, caso o mundo externo nos deixe definhar, caso se recuse a satisfazer nossas necessidades” (FREUD, 1930, p. 35).

Ainda na esteira de Freud (1930), vimos que o programa de tornar-se feliz, proposto pelo princípio do prazer, não pode ser realizado, porém devemos tentar aproximá-lo de sua consecução, uma vez que a felicidade constitui um problema da economia da libido do indivíduo e que não há uma fórmula para alcançá-la, ficando resultando a cada sujeito a função de descobrir o próprio modo de obter o quanto puder dessa satisfação, sendo isto uma questão de adaptação.

A partir daqui, Freud (1930) concebe alguns caminhos “movediços” para o homem se libertar de parte de seus sofrimentos – caminhos esses que, se levados adiante, culmina também numa alienação desse sujeito. A saber: aniquilamento dos instintos; deslocamentos de libido (satisfação em processos psíquicos internos – o narcisista); por meio de ilusões; ver a realidade como inimiga e fonte de sofrimento e romper todas as relações com ela - o eremita; enfermidade neurótica.

Trabalharemos com a questão da reclusão, do narcisismo e da enfermidade neurótica na obra de Dostoiévski como fuga e libertação para o “homem do subsolo”.

## A RECLUSÃO

“Não consegui chegar a nada, nem mesmo tornar-me mau [...]. Agora, vou vivendo os meus dias em meu canto.” (DOSTOIÉVSKI, 2000, p. 17).

Ao considerarmos a realidade como:

[...] a única inimiga e a fonte de todo sofrimento, com a qual é impossível viver, de maneira que, se quisermos ser de algum modo felizes, temos de romper todas as relações com ela. O eremita rejeita o mundo e não quer saber de tratar com ele. Pode-se, porém, fazer mais do que isso; pode-se tentar recriar o mundo, em seu lugar construir um outro mundo, no qual os seus aspectos mais insuportáveis sejam eliminados e substituídos por outros mais adequados a nossos próprios desejos. Mas quem quer que, numa atitude de desafio desesperado, se lance por este caminho em busca da felicidade, geralmente não chega a nada. A realidade é demasiado forte para ele. Torna-se um louco; alguém que, na maioria

das vezes, não encontra ninguém para ajudá-lo a tornar real o seu delírio (FREUD, 1930, p. 38, grifo nosso).

A reclusão consiste no indivíduo isolar-se do mundo, não querer interagir com ele, repudiar relações de alteridade, viver em seu canto com a consciência do estado degradado da sociedade materialista e contentar-se com o silêncio, sentir um prazer mórbido, uma “devassidãozinha” em não agir contra ela e viver numa profunda inércia diante de sua percepção, que vai além da capacidade dos homens de ação, que são corrompidos ao impor seus padrões, que figuram para eles como um muro que encerra a questão daquilo que por dentro eles sentem, mas por fora não concluem.

Podemos vislumbrar o essencial: o “homem do subsolo” é subsidiado sobretudo pela primeira teoria de Freud sobre a angústia que move o sujeito, aquela angústia enquanto desejo reprimido, enquanto libido represada. Será essa angústia, fomentada por uma civilização disforme e decadente que legará aos subterrâneos a nossa personagem de Dostoiévski. Mas, qual é o amálgama dessa espécie bárbara de “maldição do sujeito” que isola e impossibilita? Segundo Meneses (2004):

Entre o ‘ventre materno’ e a ‘mãe comum’ a que se retorna, nas expressões bíblicas, delinea-se o percurso (em que o olhar afeito à Psicanálise vislumbraria significativas ressonâncias) da vida humana. Angústia existencial, inextirpável, provocada pela percepção da finitude. Irremissível angústia, impossibilitada de ser encarada como um sintoma, irreduzível, esquiva a ‘tratamentos’, a ‘cura’: a angústia é o quinhão do ser humano. Não se trata aqui da angústia patológica, passível de ser superada: é a angústia que não tem remédio (nem nunca terá) (MENESES, 2004, p. 166).

Tudo leva a entender que o narrador em questão tenha abdicado do agressivo mundo real e se refugiado no subsolo, neste caso materializado como tal, como vemos no seguinte trecho: “Não consegui chegar a nada, nem mesmo tornar-me mau [...]. Agora, vou vivendo os meus dias em meu canto [...]” (DOSTOIÉVSKI, 2000, p. 17); e em seguida ao declarar: “Não me dava com ninguém, evitava até conversar, e cada vez mais me encolhia em meu canto” (DOSTOIÉVSKI, 2000, p. 55).

De acordo com os estudos de Freud, e levando em consideração seu trabalho sobre Dostoiévski no ensaio **Dostoiévski e o Parricídio**, pode-se deduzir que o “homem do subsolo” agrega em si todas as deformidades de uma civilização doentia e faz uso desse mal-estar numa espécie de gozo mórbido do real que o aflige. Como alternativa para uma sobrevivência do real, o “homem do subsolo” se comporta como o eremita, ao refugiar-se em seu subsolo, afastando-se da sociedade, rompendo as relações com ela (no que se refere ao trabalho, aos amigos, etc.), a qual era a fonte de seu sofrimento, e buscando encontrar ali algum prazer ou ser de algum modo feliz: “Imaginava, para mim mesmo, aventuras e inventava uma vida, para viver ao menos de algum modo” (DOS-

TOIÉVSKI, 2000, p. 29, grifo nosso).

A psicanalista francesa Françoise Dolto (1998), em seu livro **Solidão**, afirma que:

Contudo, a solidão se faz atraente nas horas de fracasso do prazer, de dor ou de decepção na comunicação malograda. Deixa então o ser humano entregue à experiência da magia do devaneio apenas, em que o desejo borda suas fantasias apaziguando suas tensões num prazer que adormece a provocação da solidão. Mas o sujeito cujo desejo não se exerce mais dentro da realidade não realiza mais nenhuma renovação na sua individualidade conhecida, que, afora o corpo e a monotonia de seu viver de necessidades, está entregue ao campo do imaginário. Nele, o desejo se reduplica com o narcisismo (DOLTO, 1998, p. 363, grifo nosso).

Para tal decepção, o narrador do subsolo declara: “Já aos dezesseis anos eu me surpreendia, taciturno, com eles; já então a mesquinhez do seu pensamento e a estupidez das suas ocupações, jogos e conversas me deixavam perplexo” (DOSTOIÉVSKI, 2000, p. 81, grifo nosso).

Dolto (1998) segue explicando que “quando no ser humano, da infância à idade adulta, o desejo perde a coragem de recorrer a outrem, [...] então o ser humano arrisca-se a cair na cilada da solidão descritiva” (DOLTO, 1998, p. 363, grifo nosso). Essa solidão, de patológica, pode se tornar patogênica e “o indivíduo humano precisa fugir dela antes que ela se lhe torne refúgio cuja saída para o mundo exterior poderia fechar-se” (DOLTO, 1998, p. 364). Desse desencorajamento assinalado anteriormente, o narrador do subsolo aponta:

Nessa noite, tive os mais abomináveis pesadelos. Não é para estranhar: antes de dormir, ficara oprimido, o tempo todo, pelas recordações dos anos patibulares da minha vida escolar, e não pude libertar-me delas. Empurraram-me para aquela escola uns parentes distantes, dos quais eu dependia e de quem, desde então, nunca mais ouvi qualquer notícia. Empurraram-me para lá, órfão, oprimido já pelas suas censuras, pensativo silencioso, que espiava de modo estranho tudo ao redor. Os colegas receberam-me com zombarias malignas, desapiedadas, porque não me assemelhava a nenhum deles (DOSTOIÉVSKI, 2000, p. 81).

Vale lembrar que a sociedade em que este narrador vivia, no “infeliz século dezenove”, era uma sociedade positivista e materialista, composta de homens de ação, subordinados às leis da natureza, que saíam de uma grande tradição para um novo período de reformas sociais, e que, portanto, estavam completamente preenchidos pelo caos e pelas incertezas.

## O NARCISISMO

[...] tenho culpa de ser mais inteligente que todos à minha volta” (DOSTOIÉVSKI, 2000, p. 21).

À guisa do pensamento freudiano, “o narcisista,

que tende a ser auto-suficiente, buscará suas satisfações principais em seus processos mentais internos [...]” (FREUD, 1930, p. 41, grifo nosso).

Para explicar este fenômeno, Freud (1969) separa os instintos do ego e os instintos sexuais e os classifica como “designações de fontes de energia operante no indivíduo” e utiliza o termo “libido” para “designar as forças instintivas da vida sexual.”

[...] a libido, que encontramos ligada aos objetos e que é expressão de um esforço para obter satisfação em conexão com esses objetos, também pode deixar os objetos e colocar o próprio ego da pessoa em lugar deles: a essa noção foi-se firmando gradualmente, sempre com maior coerência. O nome para essa forma de distribuir libido - narcisismo -, nós o tomamos por empréstimo de uma perversão descrita por Paul Näcke [1899], na qual um adulto trata seu corpo com todos os mimos que usualmente são dedicados a um objeto sexual externo (FREUD, 1969, p. 91).

Vislumbramos, na citação acima, que a libido irá se direcionar ao próprio corpo e personalidade do indivíduo e, posteriormente, o amor objetual pode vir a se desenvolver sem que o narcisismo desapareça.

Podemos inferir, pelo discurso do narrador, que sua libido objetual tenha se retirado para dentro do ego ao passo que esse “homem do subsolo” constantemente remete a si mesmo: “Dizei-me: de que pode falar um homem decente, com o máximo prazer? Resposta: de si mesmo” (DOSTOIÉVSKI, 2000, p. 18); porta-se com auto-suficiência: “[...] eu era uma mosca perante todo aquele mundo, mosca vil e desnecessária, mais inteligente, mais

culta e mais nobre que todos os demais, está claro [...]” (DOSTOIÉVSKI, 2000, p. 66); e revela uma autoadoração: “Tenho, por exemplo, um terrível amor-próprio” (DOSTOIÉVSKI, 2000, p. 20).

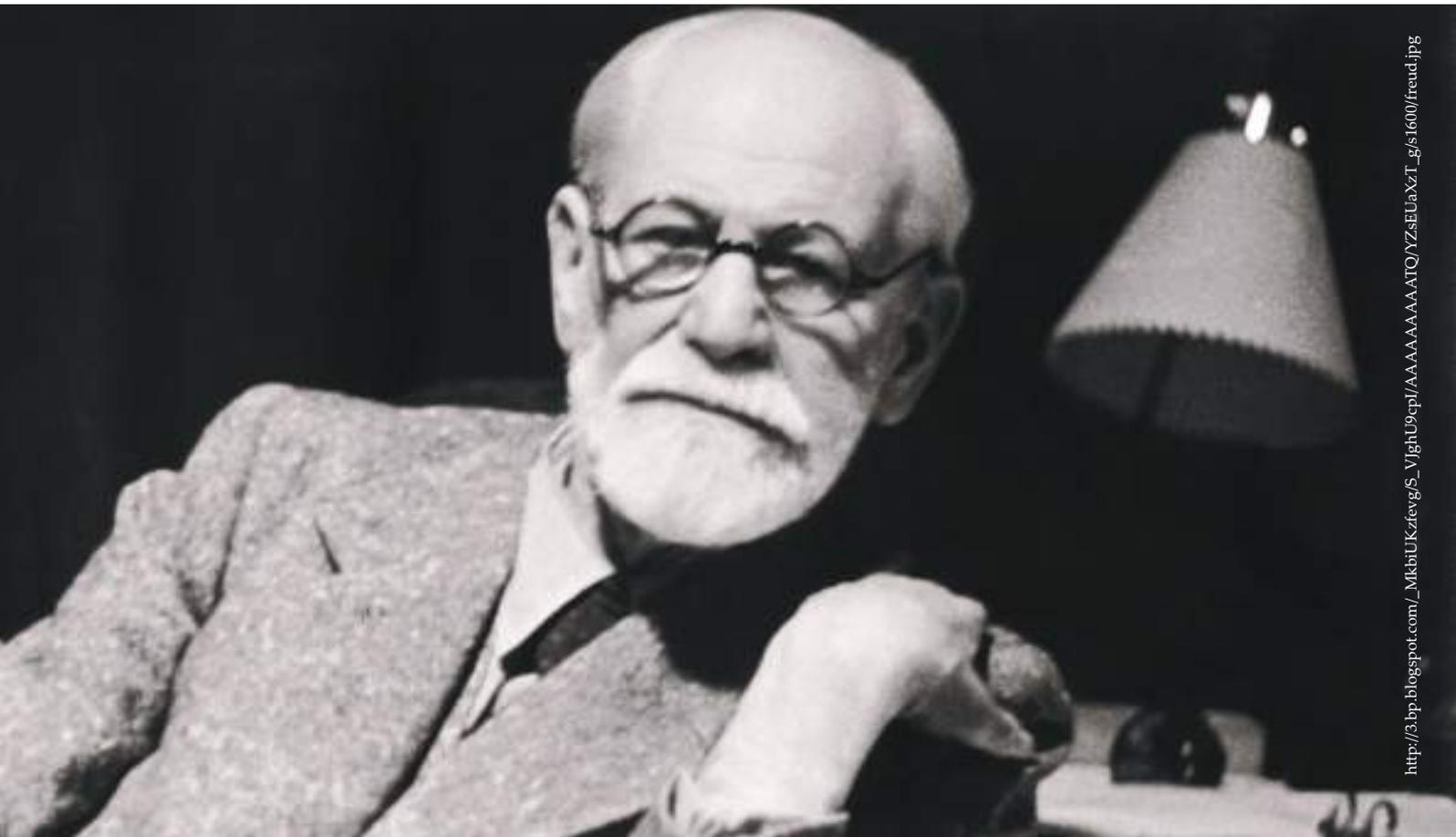
Outra justificativa para esta inferência é considerarmos o subsolo como seu inconsciente, e não somente como um lugar em si, mas como o seu processo mental interno, para o qual ele se refugiou e buscou nele encontrar algum prazer: “Juro-vos, senhores, que uma consciência muito perspicaz é uma doença, uma doença autêntica, completa” (DOSTOIÉVSKI, 2000, p. 18); e mais à frente, seguindo a declaração: “Eu me contentaria plenamente com a inteligência” (DOSTOIÉVSKI, 2000, p. 56).

Nesse subsolo figurado enquanto inconsciente, com o qual o narrador trabalha e dialoga, segundo vimos com Bakhtin, percebemos modulações de um comportamento pautado no narcisismo, uma vez que ele encontra prazer em sua própria consciência hipertrofiada e inteligência perspicaz, como faz frequentemente em seus devaneios: “Eu, por exemplo, triunfo sobre todos; todos, naturalmente, ficam reduzidos a nada e são forçados a reconhecer voluntariamente as minhas qualidades, e eu perdo a todos” (DOSTOIÉVSKI, 2000, p. 72).

## A NEUROSE OBSESSIVA

Vou explicar-vos: o prazer provinha justamente da consciência demasiado viva que eu tinha da minha própria degradação (DOSTOIÉVSKI, 2000, p. 20)

Em seu ensaio **O mal-estar na civilização**, Freud (1930) afirma terem as pessoas assumido uma atitude



de hostilidade para com o meio social, advinda de uma insatisfação diante dos rumos da interação entre homem e *locus*. Afirma o psicanalista: “uma pessoa se torna neurótica porque não pode tolerar a frustração que a sociedade lhe impõe” (FREUD, 1930, p. 44).

Mais adiante, lemos:

[...] Uma pessoa nascida com uma constituição instintiva especialmente desfavorável e que não tenha experimentado corretamente a transformação e a redistribuição de seus componentes libidinais indispensáveis às realizações posteriores, achará difícil obter felicidade em sua situação externa, em especial se vier a se defrontar com tarefas de certa dificuldade. [...] É-lhe oferecida a fuga para a enfermidade neurótica, fuga que geralmente efetua quando ainda é jovem. [...] Pode encontrar consolo no prazer oriundo da intoxicação crônica, ou então se empenhar na desesperada tentativa de rebelião que se observa na psicose (FREUD, 1930, pp. 41-2, grifo nosso).

Podemos supor que a neurose obsessiva consiste em o paciente se ocupar de pensamentos cujos interesses lhe são nulos e que provêm de uma “intensa atividade mental” extenuante (Freud, 1969), como faz o nosso narrador:

Mas eu tinha uma solução apaziguadora: era refugiar-me no que fosse “belo e sublime”, em devaneios, é claro. [...] Os devaneios vinham-me com particular doçura e intensidade após a devassidãozinha, vinham com arrependimentos e lágrimas, com maldições e êxtases (DOSTOIÉVSKI, 2000, p. 70, grifo nosso).

Mais adiante, o narrador de **Memórias do subsolo** passa a refletir sobre a possibilidade de o homem amar a destruição e o caos por temer atingir o objetivo e concluir, por exemplo, a construção de um edifício: “Talvez ele ame o edifício apenas à distância e nunca de perto; talvez ele goste apenas de criá-lo, e não viver nele [...]” (DOSTOIÉVSKI, 2000, p. 46). Num espiral de indagações de uma metafísica simplista, o “homem do subsolo” avança questionando o fato de que *dois e dois são quatro*, a questão da *vontade* em relação aquilo que é considerado *vantagem*, e até que ponto isto, de fato, realmente o é:

Mas - pela centésima vez vos repito isto - existe um único caso, sim, apenas um, em que o homem pode intencional e conscientemente desejar para si mesmo algo nocivo e estúpido, extremamente estúpido até: *ter o direito* de desejar para si algo muito estúpido, sem estar comprometido com a obrigação de desejar apenas o que é inteligente. Isto é de fato estupidíssimo, é um capricho, mas realmente, senhores, talvez seja, para nossa gente, o mais vantajoso de tudo quanto existe sobre a terra, sobretudo em certos casos (DOSTOIÉVSKI, 2000, p. 42, grifo nosso).

Seguindo o seu estado de consciência indagativa, menciona o fato de ser a consciência a infelicidade para o homem, que por sua vez a ama e não a troca por nenhuma outra satisfação, pois está acima do “*dois e dois*”, uma vez que sendo este encontrado não há mais nada

a fazer, procurar ou aprender, concluindo que: “O fim dos fins, meus senhores: o melhor é não fazer nada! O melhor é a inércia consciente! pois bem, viva o subsolo!” (DOSTOIÉVSKI, 2000, p. 50). Com efeito, esse inútil exercício de linguagem e pensamento não chega a lugar nenhum, a não ser a um desgaste mental extremo, a uma completa e reclusa desilusão.

Freud (1969) nos mostra também que os impulsos induzem o sujeito a cometer crimes dos quais foge impondo a si mesmo proibições, renúncias e restrições para não executá-los. Então, o homem só é capaz de atos inofensivos e banais relacionados às atividades cotidianas. Estes atos são denominados “atos obsessivos”. Aqui remetemos à passagem em que o narrador se encontra no bar, em companhia de seus amigos do tempo do colégio, com os quais se portava sempre de modo taciturno, mergulhado num imensurável orgulho, devido à suas malignas zombarias daquele tempo, por não se assemelhar a eles, onde, após tentar uma integração depois de anos, novamente é zombado e pensa:

Agora, seria bom jogar uma garrafa contra todos eles”, pensei; apanhei a garrafa e... enchi a minha taça até os bordos. “... Não, é melhor eu permanecer sentado aqui até o fim!”, prossegui nos meus pensamentos. “Ficareis satisfeitos se eu fosse embora, senhores. por nada neste mundo! Ficarei aqui sentado, de propósito, e beberei até o fim, em sinal de que não lhes atribuo a menor importância [...] (DOSTOIÉVSKI, 2000, p. 93).

Com isso, vemos que os impulsos e as ações são desproporcionais. E que também aqui pode ser gerado o chamado sentimento de culpa ocasionado pela supervisão do superego e/ou da civilização, que o levará para o refúgio no subsolo; ou seja, no caso do nosso narrador, ele quer ser maldoso, mas não consegue. Ele tenta contar vantagem em uma maldade que tenha praticado, porém, ao final, ele revela que foi apenas uma mentira, um mal gracejo: “Quando os solicitantes, com pedidos de informações, se acercavam da mesa junto à qual me sentava, eu lhes respondia com um ranger de dentes, e sentia um prazer insaciável quando conseguia magoar alguém” (DOSTOIÉVSKI, 2000, pp. 15-6).

Em seguida segue a revelação:

O caso todo, a maior ignomínia, consistia justamente em que, a todo momento, mesmo no instante do meu mais intenso rancor, eu tinha consciência, e de modo vergonhoso, de que não era uma pessoa má, nem mesmo enraivecida; que apenas assustava passarinhos em vão e me divertia com isso (DOSTOIÉVSKI, 2000, p. 16).

De nada adianta adverti-lo de seu comportamento uma vez que ele próprio tem a consciência de seu estado, deseja revertê-lo, mas não o consegue por si mesmo: “Vou explicar-vos: o prazer provinha justamente da consciência demasiado viva que eu tinha da minha própria degradação” (DOSTOIÉVSKI, 2000, p. 20); isto é, ele pode redirecionar seus atos, mas não removê-los:

“[...] não é o caso de se transformar; simplesmente não há nada a fazer” (DOSTOIÉVSKI, 2000, p. 20)

Além disso, Ihe é afetada a área intelectual, que acaba por destituí-lo das próprias convicções, resultando num elevado nível de indecisão, perda de energia e restrição da liberdade:

O infeliz camundongo já conseguiu acumular, em torno de si, além da torpeza inicial, uma infinidade de outras torpezas, na forma de interrogações e dúvidas; acrescentou à primeira interrogação tantas outras não resolvidas que, forçosamente, se acumula ao redor dele certo líquido repugnante e fatídico, certa lama fétida, que consiste nas suas dúvidas, inquietações e, finalmente, nos escarros – que caem sobre ele em profusão – dos homens de ação agrupados solenemente ao redor, na pessoa de juízes e ditadores, e que riem dele a mais não poder, com toda a capacidade das suas goelas sadias (DOSTOIÉVSKI, 2000, p. 23).

Porém, paradoxalmente, tudo se inicia com elevada disposição de energia e um nível intelectual acima da média. Ao final da primeira parte, o próprio narrador expõe uma decodificação de sua personalidade na voz do leitor que mostra exatamente toda confusão que se instala no seu interior:

Está ansiando pela vida, mas resolve os problemas da existência com um emaranhado lógico. E como são importunas, como são insolentes as suas saídas, e, ao mesmo tempo, como o senhor tem medo! Afirma absurdos e se satisfaz com eles; diz insolências, mas sempre se assusta com elas e pede desculpas. Assegura não temer nada e, ao mesmo tempo, busca o nosso aplauso. Garante estar rangendo os dentes e, simultaneamente, graceja, para nos fazer rir. Sabe que os seus gracejos não têm espírito, mas, ao que parece, está muito satisfeito com a sua qualidade literária (DOSTOIÉVSKI, 2000, p. 51).

## CONCLUSÃO

“Para nós é pesado, até, ser gente [...]]; temos vergonha disso [...]” (DOSTOIÉVSKI, 2000, p. 146).

No final de seu ensaio *O mal-estar na civilização*, Freud (1930, p. 96) coloca “o sentimento de culpa como o mais importante problema no desenvolvimento da civilização”, que só pode acontecer quando há uma perda da felicidade. Na neurose obsessiva, ele pode ser consciente ou não, ou aparecer como um mal-estar, quando privados de certas ações. Insatisfeitas, as pessoas buscam outras motivações - das quais estudamos três possivelmente ligadas ao narrador dostoiévskiano. A culpa pode ser também um medo do superego, que controla e censura as ações do ego, gerando um conflito entre a “necessidade do amor da autoridade e o impulso para satisfazer o instinto”, cujo estorvo gera a inclinação para a agressão.

Assim, existem dois caminhos em curso, o da felicidade pessoal e o da união com os outros homens, que lu-

tam dentro do indivíduo: “O superego cultural desenvolveu seus ideais e estabeleceu suas exigências” (FREUD, 1930, p. 105), a questão é como eliminar a tendência do homem para a agressividade, visto que: “caso se exija mais de um homem, se produzirá nele uma revolta ou uma neurose, ou ele se tornará infeliz” (FREUD, 1930, p. 106), o que pode acarretar numa fuga para a “satisfação narcísica de se poder pensar que se é melhor do que os outros” (FREUD, 1930, p. 106, grifo nosso).

Tendo esse ensaio como fundamentação teórica, vemos que o “homem do subsolo” se metamorfoseia nesses três modelos comportamentais e se multifaceta à medida que esses comportamentos o integram e, paradoxalmente, o levam à ruína absoluta.

O descontentamento da personagem na civilização sugere a fuga para a reclusão, para o narcisismo e para a neurose obsessiva, sendo o primeiro relacionado ao refúgio subterrâneo, o segundo, à satisfação intelectual devido a uma consciência hipertrofiada e inteligência perspicaz, e o último, à seu comportamento demasiado hostil, ignóbil e insignificante com os indivíduos a sua volta e com a massa geral da civilização.

Com efeito, Freud (1930) conclui que:

Os homens adquiriram sobre as forças da natureza um tal controle, que, com sua ajuda, não teriam dificuldades em se exterminarem uns aos outros, até o último homem. Sabem disso, e é daí que provém grande parte de sua atual inquietação, de sua infelicidade e de sua ansiedade (FREUD, 1930, p. 108).

O narrador subterrâneo, por sua vez, encerra suas memórias declarando: “[...] apenas levei até ao extremo, em minha vida, aquilo que não ousastes levar até a metade sequer, e ainda tomastes a vossa covardia por sensatez, e assim vos consolastes, enganando-vos a vós mesmos” (DOSTOIÉVSKI, 2000, p. 146).

Encerramos este trabalho concluindo que aquilo que se sucede à “voz do subterrâneo” nos remete ao “Pertencer” clariciano: “[...] perdi o jeito de ser gente. Não sei mais como se é. E uma espécie toda nova de ‘solidão de não pertencer’ começou a me invadir como heras num muro” (LISPECTOR, 1999, p. 110).

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- BAUDELAIRE, Charles. *Meu coração desnudado*. Tradução de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- CANDIDO, Antonio. *Ficção e confissão*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- DOLTO, Françoise. *Solidão*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Memórias do Subsolo*. Tradução de Boris Schnaiderman. São Paulo: Editora 34, 2000.

EMERSON, Caryl. **Os cem primeiros anos de Mikhail Bakhtin**. Tradução de Pedro Jorgensen Jr. Rio de Janeiro: Difel, 2003.

FREUD, Sigmund. Dostoiévski e o Parricídio. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1969. v. XXI.

FREUD, Sigmund. **Pequena Coleção das Obras de Freud, Livro 8, O mal-estar na civilização**. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (1930[1929]).

FREUD, Sigmund. **Pequena Coleção das Obras de Freud, Livro 22, Conferências Introdutórias sobre Psicanálise – Teoria Geral das Neuroses – I**. Tradução de José Luís Meurer. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

FREUD, Sigmund. **Pequena Coleção das Obras de Freud, Livro 23, Conferências Introdutórias sobre Psicanálise – Teoria Geral das Neuroses – II**. Tradução de José Luís Meurer. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

GOMES, Álvaro Cardoso. **O Simbolismo**. São Paulo: Ática, 1994.

HAUSER, Arnold. **História social da arte e da literatura**. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

MENESES, Adélia Bezerra de. **Do poder da palavra: ensaios de**

literatura e psicanálise. São Paulo: Duas Cidades, 2004.

MUYLAERT, Joana Luiza. “O drama da escrita em Memórias do subsolo, de Dostoiévski”. **Itinerários**, Araraquara, n. 26, 35-57, 2008.

NUNES, Natália. “Introdução Geral”, In: **DOSTOIÉVSKI, Fiódor. Fiódor M. Dostoiévski Obra Completa, Volume I**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

PINTO, Manuel da Costa. **Memórias do Subsolo**. Tradução de Boris Schnaiderman. São Paulo: Editora 34, 2000. [orelha].

SANTANA, Bruno Wagner D’Almeida de Souza. “O subsolo de um e de outro: Freud em Dostoiévski ou Dostoiévski em Freud?” **Revista de Letras**, São Paulo, v. 46, n. 2, p. 9-22, jul./dez. 2006.

SCHNAIDERMAN, Boris. [contracapa]. In: **DOSTOIÉVSKI, Fiódor. Memórias do Subsolo**. Tradução de Boris Schnaiderman. São Paulo: Editora 34, 2000.

SILVEIRA, Homero. **Três ensaios sobre Dostoiévski**. São Paulo: Martins Editora, 1970.

MANTOVANI, Rafael Leite. “O ressentido e as memórias do subsolo”. **Filosofia: ciência e vida**. São Paulo: Escala, v. 2, n. 19, pp. 40-9, 2008.

ROUDINESCO, E. ; PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2000.

